

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

JOSÉ EDES PEREIRA MORATO

**História e memória dos *Candangos* piauienses na construção de Brasília
(1956- 1960)**

**PARNAIBA
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI-UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**História e memória dos *Candangos* piauienses na construção de Brasília
(1956- 1960)**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em História. Sob a orientação do Prof. Orientador Dr. André Aguiar Nogueira

PARNAIBA, SETEMBRO

2016

M887h

Morato, José Edes Pereira.

História e memória dos Candangos piauiense na construção de Brasília (1956 – 1960) / José Edes Pereira Morato - Parnaíba: UESPI, 2016.

48f.

Orientador: Dr. André Aguiar Nogueira

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Piauí, 2016.

1. História 2. Candangos piauienses 3. Memória I. Nogueira, André Aguiar II. Universidade Estadual do Piauí III. Título

CDD 981.228

José Edes Pereira Morato

**História e memória dos *Candangos* piauienses na construção de Brasília
(1956- 1960)**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em História. Sob a orientação do Profº Dr. Orientador André Aguiar Nogueira.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. (Orientador André Aguiar Nogueira – UESPI)

Prof.
(Presidente – UESPI)

Prof.
(Presidente – UESPI)

AGRADECIMENTOS

A construção deste trabalho é possível, devido o respirar que é Deus que nos concede, pois sem ele nada somos. As ajudas de meus amigos que deram a força moral e intelectual, no qual tenho a honra de citá-los aqui: Ailton Lira, Tainny Aquino, Marta Regina, companheiros de seminários, Pedro Vagner e Laila pela paciência e respeito debatemos juntos nesse processo de construção, Rafaela Cardoso e Ruanna Cardoso, ao irmão Heros que ajudaram a diminuir minhas dificuldades com a pesquisa, ao amigo Jeová Lira, ao camarada Ildemar Cavalcante Jr. professor para a vida, juntamente com a belíssima Rosineide Candeira, um braço amigo, ao professor e orientador André Aguiar Nogueira pela muita paciência.

Aos meus pais: Rita Morato e Sebastião Morato, desde o momento que nasci, pois em meus primeiros passos para a vida foram eles os meus primeiros professores. Com eles aprendi a batalhar pela vida através de princípios, responsabilidade e fé, servindo de combustível para vencer batalhas, nessa longa e breve caminhada. Aos meus irmãos e sobrinhos que estiveram sempre na torcida e ao mesmo tempo torso por eles.

Mas que agradecer eu dedico este trabalho a mulher da minha vida Camila Estefane, companheira, compreensiva em incansáveis momentos de sono a minha espera, devo a ela todo o respeito e fidelidade, as minhas cunhadas: Socorrinha Sena e Bruna Sena pelas ajudas familiares e aos meus sogros: Deusanilde Sena e Amauri Sena, que deram a mesma força.

Aos funcionários da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), dos quais com o passar do tempo fizemos amizades e aos meus colaboradores especiais: Antônio Marques Teixeira: (In Memoriam) que me proporcionou com seus relatos experiências acadêmicas, ao Sr. Cassiano da Costa Ferreira, e ao Sr. Manoel João Costa que me receberam em seus lares e narraram suas histórias de vida. Agradeço a todos aqueles que neste momento não tenha sido citado, mas foram colaboradores deste árduo trabalho.

Dedico esse trabalho a minha mãe Rita Morato, pai Sebastião Morato, esposa Camila Sena e Clarice nossa filha.

Toda consciência do passado esta fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que vivemos um passado.

(David Lowenthal,1988)

RESUMO

Em meados da década de 1950 a 1960 no Brasil, o governo ao propor a construção de uma nova capital, durante a gestão do presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, realiza uma intensa propaganda para seduzir parte da população brasileira. Os discursos governistas objetivavam a construção desse novo empreendimento nacionalista. Assim, a “cidade perfeita” e a “cidade dos sonhos” são inseridas no imaginário do povo brasileiro como um lugar de futuro rendoso para aqueles que se dispusessem a ir construí-la. O que poderia ser entendido posteriormente como uma nova identidade nacional. Em meio aos vários problemas sociais ocorridos na região do nordeste brasileiro, a proposta de uma cidade repleta de progresso atraía-os, levando-os a abandonarem os seus lares. Nesta percepção este trabalho visa trazer a discussão acerca dos nordestinos de diferentes regiões que compunham os chamados *candangos*. Em específico buscou-se estudar a participação e a contribuição dos *candangos* piauienses na construção de Brasília, para tal, nesta pesquisa foi utilizado a história oral, fotografias e bibliográfica. E para o suporte teórico foi utilizado autores como: Holston (1993), Pollak (1986), Brescianni (2010), entre outros que nos conduzirão nesta discussão.

PALAVRAS CHAVE: História. *Candangos* Piauienses. Memória.

ABSTRACT

In mid-1950 to 1960 decade in Brazil, the government in proposing the construction of a new capital, during the administration of President of the Republic, Juscelino Kubitschek de Oliveira, performs an intense propaganda to lure part of the population. Pro-government speeches aimed the construction of this new nationalist enterprise. Thus the "perfect city" and "city of dreams" are inserted in the imagination of the Brazilian people as a place of profitable future for those who are willing to go build it. What could be understood later as a new national identity. Among the many social problems that occurred in the Brazilian Northeast, the proposal of a city full of attract them progress, causing them to abandon their homes. In this sense this work aims to bring the discussion of the Northeast from different regions that made up the so-called laborers. Specifically the aim was to study the role and contribution of Piauí laborers in the construction of Brasília, to do so, this study used oral, photograph and history and literature. And for the theoretical support was used as authors: Holston (1993), Pollak (1986), Bresciani (2010), among others that will lead us in this discussion.

KEYWORDS: History. Candangos. Piauí. Memory.

Lista de imagens

Imagem 01: Candangos em frente ao Supremo Tribunal Federal-1957/1960.....	17
Imagem 02: Planta de Brasília- 1956.....	19
Imagem 03: Transporte em Brasília1957/1960.....	24
Imagem 04: Transporte de candangos 1959.....	25
Imagem 05: Operários no Palácio do Planalto-1958.....	27
Imagem 06: Operários nas obras da Esplanada dos Ministérios- 1957/1959.....	29
Imagem 07: Vista da cidade-núcleo Bandeirantes - DF/1958.....	30
Imagem 08: Refeitório em canteiro de obra.....	31
Imagem 09: Fila no serviço de identificação da Novacap - 1957/1960.....	33
Imagem 10: Carteira de trabalho assinada em 1957.....	34
Imagem 11: Festa de inauguração de Brasília - 1960.....	35
Imagem 12: Os guerreiros/ Os Candangos, bronze. 1957.....	40
Imagem 13: Anúncio para inauguração de Brasília, Esso. 1960.....	44
Imagem 14: Carteira de trabalho-identificação.....	45

Lista de Abreviaturas

ArPDF- Arquivo Público do Distrito Federal

GEB- Guarda Especial de Brasília

JK-Juscelino Kubitschek

NOVACAP- Companhia Urbanizadora da Nova Capital

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS CANDANGOS PIAUIENSES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA (1956- 1960).....	15
1.1 Imaginário Da Construção De Brasília	18
1.2 Proposta Governamental	21
1.3 Processo De Migração Dos Candangos	23
2 O TRABALHADOR E A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL	27
2.1 Choque Cultural	28
2.2 O ideário do civismo em Brasília	35
3 EXALTAÇÃO DO CANDANGO.....	39
3.1 Exaltações ao <i>Candango</i> a Poesia, na Música, nas Artes Plásticas, na Propaganda e nas Fotografias.....	40
3.2 Exaltação ao <i>Candango</i> piauiense.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade fazer uma análise sobre a contribuição dos trabalhadores piauienses na construção de Brasília, nos anos de 1950 a 1960, chamados de *Candangos*. Dessa forma redirecionando o olhar para o passado através da história oral, de forma a buscar sujeitos e as trajetórias de vida que cada um carrega, tanto individual quanto coletiva, experiências vividas durante as labutas do dia a dia, no ápice da construção da cidade utópica.

Observando as diferenças e semelhanças do povo brasileiro e suas culturas distintas, cuja à intenção não é de uma história mais verdadeira. E sim de trazer lembranças e sofrimentos de migrantes, e o devido reconhecimento aos candangos piauienses, cujo seu estado de origem, não os simbolizou como verdadeiros guerreiros que edificaram Brasília, cidade está que foi tombada como patrimônio da humanidade.

Durante a construção, existiram pessoas que assumiram o encargo pelas obras, ao passo que deixaram suas famílias em busca de melhorias. Em um lugar repleto de diferenças culturais, e uma diversidade de crenças, levando em consideração que estavam em busca de melhorias tanto para si, quanto para a família. Dentre elas estão os entrevistados, Antonio Marques Teixeira (*In Memoriam*), parnaibano de 85 anos, Manoel da Costa Silva, residente no Morro da Mariana, de 87 anos, Além do Cassiano da Costa Ferreira, parnaibano de 82 anos. Além da colaboração por meio informal de Francisco Gomes de Araújo, de 72 anos, residente em Bom Princípio- PI. (Cedida por sua Neta- Caderno de campo)¹

A metodologia utilizada foi feita por meio de um levantamento bibliográfico, documental e História oral. Estas fontes orais dão respaldo ao teor do trabalho, além de artigos, periódicos, e da internet como meio de pesquisa. Para uma amplitude mais qualitativa foram feitas, entrevistas individuais com os moradores que residem no Piauí e que vivenciaram de forma específica o objeto de estudo desse trabalho. A entrevista foi aplicada através de um roteiro para os moradores-participantes da

¹ Nota explicativa, Maria Luciana Araújo, cedeu o material de sua pesquisa, o qual o seu avô relata as vivencias no período da construção de Brasília, sendo que o próprio não concede entrevistas a terceiros.

construção de Brasília, no intuito de coletar informações e subjetividades acerca do assunto pesquisado, e respondido livremente por estes.

As entrevistas com os atores locais ocorreram no período de Agosto de 2013 a Agosto de 2014, em relação aos entrevistados, foram escolhidos três moradores, dois da cidade de Parnaíba e um do município de Ilha Grande do Piauí. Os quais são considerados protagonistas direto do objeto estudado, constituindo importante fonte de informações para o estudo. A seleção desses entrevistados a princípio considerou um perfil diversificado (idosos), que tiveram seus relatos analisados e transcritos. O roteiro de entrevistas desse trabalho encontra-se no Apêndice.

A partir do levantamento de dados em campo constituem-se na, sistematização e análises de dados, as entrevistas foram gravadas, transcritas de forma a analisar os relatos dos entrevistados, destacando expressões e depoimentos que foram relevantes para a compreensão e interpretação do assunto abordado, e a reconstrução deste assunto quanto à visão do *candango*.

Nesse sentido, após a análise e interpretação das informações, são notáveis os resultados obtidos nas entrevistas realizadas, a partir de um diálogo, com base no referencial teórico, contextualizando as informações repassadas pelos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Como materiais de pesquisa, foram utilizados: fotografias sobre os *candangos*. As entrevistas foram estruturadas com três moradores mais antigos da área pesquisada, com cinco perguntas abertas, devidamente estruturadas que explanam sobre a situação durante a construção de Brasília numa visão direta mas carregadas de subjetividades. Tendo a duração entre uma às duas horas, cada entrevista. Nesse grupo focal é evidente saber os deslocamentos entre o Piauí e Brasília, a lembrança dos eventos ocorridos durante sua estada na construção e a representação do *candango* nacional e local.

Assim, no primeiro capítulo intitulado *História e memória dos candangos piauienses em Brasília (1956 -1960)*, buscou-se apresentar a construção de Brasília mostrando a forma política que estava entranhada no discurso político. Os caminhos que transformaram o sertão de Goiás em uma área de visibilidade. A assimilação do projeto da nova capital, a qual foi gerenciada pela Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) que trouxe ao chamado “deserto do Brasil”, a construção grandiosa com prédios estruturados em curvas e riscos com um olhar futurístico. E com a construção veio à percepção dos migrantes, que trabalharam

naquela que viria a ser a terceira capital do Brasil. As propagandas que foram destinadas a chamarem homens de todas as partes e os mais requisitados vinham de Goiás, Ceará e Piauí. Assim Brasília foi vista no imaginário dos *Candangos* como capital perfeita onde a melhoria de vida seria alcançada por todos que estavam localizados naquele local. O que encadeou um processo migratório e que muitos não voltaram as suas regiões por terem sumido ou desaparecido em conflitos com GEB. O governo tinha por objetivo construir a Capital para a elite, e os operários ficariam em cidadelas localizadas aos redores da construção.

No segundo capítulo discute-se a questão, *O trabalhador e a construção de Brasília*. As formas de trabalho que eram colocadas aos operários que tinham grandes jornadas de trabalho, devido a pressa em finalizar as obras que possuíam um prazo de entrega. Entre os fatores que transformaram os operários estava o choque cultural. Havia preconceitos entre as extremidades do país, o nordestino é tido como o “não esclarecido, flagelado, ser aculturado do mundo” segundo Cassiano da Costa Ferreira². Mas em meio a tais colocações o Governo tinha por meta “civilizar” a todos, isto por meio do civismo patriótico que desde o Governo do Getúlio Vargas (1951-1954) já estava sendo propagado. Não poderia haver desordem nos alojamentos dos trabalhadores, e o policiamento da época era feito pela GEB (Guarda Especial de Brasília).

E no terceiro capítulo aborda-se a *Exaltação do Candango na construção de Brasília*, coloca-se os impasses quanto ao reconhecimento do trabalho feito pelos *Candangos* que vai desde um poema de um escritor piauiense Renato Castelo Branco (1914-1995), no qual relata o Candango com seu poder de voz, o merecimento do reconhecimento perante as construções que foram erguidas. Na própria política de JK só depois foi incorporado homenagens aos *Candangos* como o monumento dos Guerreiros (1957) e já fora de seu governo nasce o Museu do *Candango*, inaugurado em 1990. Na Capital do Brasil, agora há uma edificação dando notoriedade a estes trabalhadores, os quais ainda não possuem reconhecimento histórico-cívico dentro do seu Estado de origem, que deram sua parcela de contribuição ao erguerem Brasília.

² Entrevistado, que colaborou na construção de Brasília.

Neste pensamento que Michel de Certeau³ explora a história com o *lugar* social, as *práticas científicas* e a *escrita*; e a partir desse lugar, que é de produção sócio-econômica, política e cultural, o historiador estabelece seu percurso e, por conseguinte, objetivos, escolhas metodológicas, fontes e resultados. O historiador com seu olhar tem que visionar essas histórias do cotidiano e historicizar.

Logo, nas considerações finais se analisa que a construção do ideário de uma mudança da Capital para o interior ainda no século XIX, é levantada pelos políticos e por historiadores como Varnhagen (1816-1878) em defesa da mudança da capital. O meio político levantado pelas questões dos interesses, trouxe tempos depois no século XX, propostas para o interior, seguindo o que já estava acordado pela ⁴Carta Magna. Dessa forma, em 1955 em campanha de eleição presidencial JK (1956-1961), coloca em voga o seu “Plano de Metas” o qual seria feito “50 anos em 5”, trazendo desenvolvimento, o progresso que o país necessitava perante as outras nações. Houve desenvolvimento nos transportes, na saúde, na indústria automobilistas, as projeções impactaram o Brasil com um novo modelo de mercado financeiro. Foram abertos vários contratos para construções. Neste contexto, problematizo a participação dos trabalhadores.

³ CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 65-119.

⁴ A primeira Constituição outorgada, por D. Pedro I, em 25 de Março de 1824.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm

1 HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS CANDANGOS PIAUIENSES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA (1956- 1960)

A construção de Brasília iniciou em meados de 1956, porém, antes disso foi convocada uma comissão para que realizasse o mapeamento local da construção da nova Capital do País, que teria que ser interiorana, como foi decidido pela lei 2.874, sancionada em 19 de Setembro de 1956. Nela promulga-se:

Art. 1º A Capital Federal do Brasil, a que se refere o art. 4º do Ato das Disposições Transitórias da Constituição de 18 de setembro de 1946, será localizada na região do Planalto Central, para esse fim escolhida, na área que constituirá o futuro Distrito Federal [...].

Assim estava criada em lei a nova capital e, além disto, uma comissão havia sido nomeada de Novacap- Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Para presidir tal companhia, foi selecionado Israel Pinheiro, o qual era político e engenheiro, e comandou a Companhia. Esta companhia estava responsável pelo:

1º- Planejamento e execução do serviço de localização, urbanização e construção da futura Capital, diretamente ou através de órgãos da administração federal, estadual e municipal ou de empresas idôneas com as quais contratar; 2º- Execução, permuta, alienação, locação e arrendamento de imóveis na área do Distrito Federal ou em qualquer ponto do Território Nacional, pertinentes aos fins previstos nesta lei; 3º- Execução, mediante concessão, de obras e serviços da competência federal, estadual e municipal, relacionados com a nova Capital; 4º- Prática de todos os mais atos concernentes aos objetivos sociais previstos no Estatuto ou autorizados pelo Conselho de Administração.

Tais determinações foram impostas na lei já citada. Assim, havia um discurso próprio, em prol do idealizado desejo do Presidente Juscelino Kubitschek de

Oliveira⁵, político este que construiu sua vida política, sendo Deputado Federal, por dois mandatos, logo depois, Senador. Sendo ainda prefeito de Belo Horizonte e Governador do Estado de Minas Gerais. Um caminho político que se enalteceria pela construção da Capital do Brasil, que teria data de início no seu mandato e o fim do mesmo. Ainda no ano de 1956, em 22 de Outubro, se deu o início das obras do Palácio de Tábuas, o Catetinho, o qual foi desempenhado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e Lúcio da Costa, se tornou a residência oficial do presidente durante as obras.

As obras se aceleravam dia e noite com os operários em ritmo de pressão para a construção da Nova Capital. Diante do objetivo proposto, JK declara em visita ao território do futuro Planalto dizendo que “Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço meus olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino”. (HOLSTON, 1993, p 225). O Planalto Central não era apenas o único desejo de JK, havia também o emblemático lema “50 anos em 5”, denominado de Plano de Metas, abrangendo construções e desenvolvimento no âmbito da educação, energia, saúde, transporte e comunicação.

Em Março de 1957, foi lançado o Concurso do Plano Piloto, onde o ganhador do projeto foi Lúcio da Costa, deixando para trás dezesseis concorrentes. Porém, o partido de oposição, a UDN (União Democrática Nacional) com a mídia opositora não aceitaram e fizeram todo um discurso quanto ao concurso, assim como quanto ao ganhador do concurso. O confronto “direito e esquerdo” permeava os jogos políticos, para a cidade planejada.

Nesta linha de pensamento, Holston (1993), coloca que os planejadores, entre eles Lúcio Costa, que “consideravam que a arquitetura se estabelece como campo de intenções, [...] visando a mudança da sociedade, a reformulação da vida cotidiana, a exibição de status, a regulamentação da construção civil e assim por diante”. (Ibid., 1993,p.20).

Assim, nesta perspectiva de mudança, foi atingido o personagem piauiense, o qual colaborou com a construção e o seu meio de vida foi alterado tanto físico como

⁵ Por razão do autor Juscelino Kubitschek será chamado de “JK” na próxima leitura em diante.

social. Na imagem a seguir há a figura dos representantes da construção da então Capital de Brasília, onde traz a participação destes, um contingente de trabalhadores em frente ao Palácio do Planalto, em uma representação da utópica capital do Brasil que tanto trouxe benefícios ao crescimento do país.



Imagem 01: Candangos em frente ao supremo Tribunal Federal- 1959/1960.
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

A projeção destes operários, serventes, ajudantes de operário, é fotografada pegando o semblante alegre, de vitória pela meta alcançada. Homens que trabalharam e fizeram parte da História do país. A imagem retrata uma parte dos trabalhadores com roupas simples, chapéus e suas botas, com idades variadas, com suas famílias distantes e ambos se tornando um só em meio a uma multidão.

A expressão contida na imagem acima indica em a exaltação das pessoas com os rostos levantados, é perceptível a euforia que se expande na nova ideia de fazer parte de um sonho, a construção da capital do Brasil. Não apenas isso, mas uma alternativa para fugir da escassez de sua terra. É possível também perceber que ao erguer o chapéu ao céu, ocorre uma pequena representação da realização

de um sonho. Estes eram os representantes dos aventureiros, os quais foram denominados de candangos.

Segundo Holston (1993), a etimologia desta palavra condensa uma boa parcela da história das relações de classe luso-africanas e luso-brasileiras, antes de ter passado por uma fundamental, mas breve redefinição no curso da construção de Brasília. Até este período, ela esteve durante séculos como uma palavra geral de depreciação. Pois, segundo a maior parte das autoridades, é uma corrupção de *candongo*, uma palavra da língua quimbundo ou quilombo, dos bantos do Sudoeste de Angola. Era o termo pelo qual os africanos se referiam, pejorativamente, aos colonizadores portugueses. (HOLSTON, 1993, p.2009)

No Brasil, teve seu surgimento nas plantações de cana-de-açúcar do Nordeste, no qual escravos, que intermediavam entre escravos e empregados, eram por meio deste diferenciados dos portugueses. Mais, adiante os brasileiros passaram a inverter o sentido depreciativo da palavra para *candango*, ao tornar-se um sinônimo de cafuso, mestiço do índio e negro, as misturas das culturas brasileiras. Tornou-se ainda uma diferenciação entre os interioranos e os litorâneos. E logo após, o termo passou a representar interioranos de classe baixa que se deslocavam em larga escala para chegarem a Brasília. E assim, denominou-se entre aqueles que passaram a sair do nordeste para a construção da capital. E esta resignificação ganhou mais valor quando entrou nos títulos oficiais e passava a ser mencionada nos discursos do presidente JK.

1.1 Imaginário Da Construção De Brasília

Segundo Antônio Torres Montenegro (1992, p. 10) “A história que se escreve de maneira consciente e inconsciente está marcada pela época em que se vive. Fotografar, registrar alguns ângulos das diversas dimensões do real é uma forma de estabelecer, associar acontecimentos e fatos.” Dessa forma é possível perceber que, na construção do imaginário é perceptível e necessário para a construção da história as imagens, os discursos e os simbolismos da materialidade. Pois, é dessa forma que se pode perceber o conjunto entendido como imaginário, no qual as representações fazem parte do domínio da história, que nada mais é do que uma representação imagético-discursiva sobre o lugar.

Diante disto, Pesavento (1995) apud Le Goff (2003) , acrescenta ainda que “as imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho” p. 222 . Segundo a historiadora, as representações não são versões totalmente condizentes com a realidade.

Assim, a representação de Brasília passa a ser denominada como um “Avião”, com suas asas e a própria divisão da capital, segundo o imaginário arquitetônico de Lúcio Costa, em seus riscos esquemáticos, onde começa a projetar suas ideias de contribuição para o desenvolvimento. Entretanto, porque não visualizar, analisar essa planta com o nascimento de um sonho, sendo gerado no centro do Brasil? Sendo um “Útero”, onde a cidade vai nascer de uma antiga idealização que já passava de governo para governo. Assim os Candangos seriam parte deste “embrião”, destinados a trazerem o nascimento da Capital do Brasil.

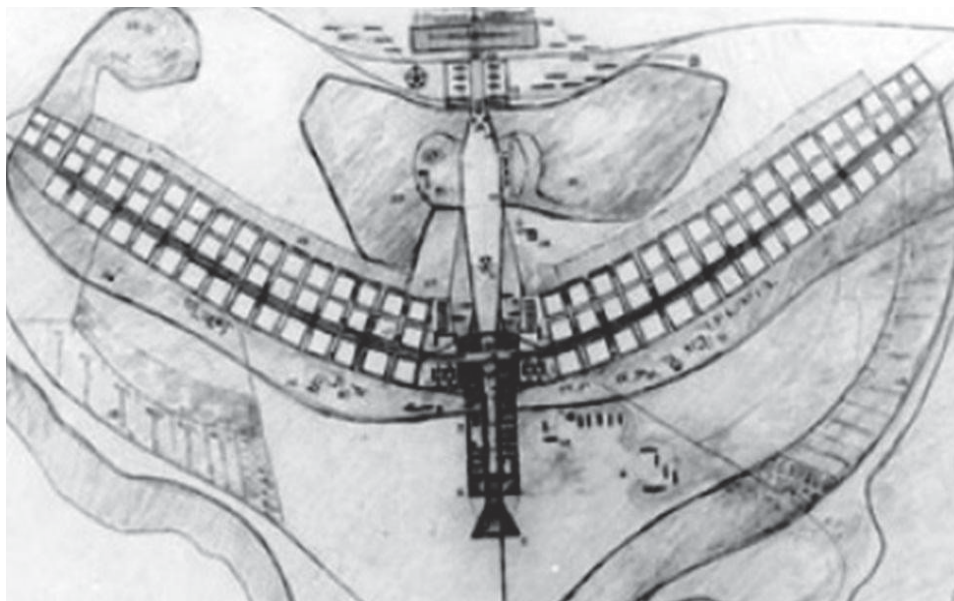


Imagem 02: Planta de Brasília- 1956.
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

Os interesses políticos, econômicos e sociais, são os fatores que criam os objetivos das representações de um dado lugar. No caso de uma cidade, como por exemplo, Brasília, o governo federal se utilizou em larga escala dos meios de comunicação em que veiculavam a imagem de uma futura capital federal. Esta então, sendo mostrada enquanto lugar de modernidade, ícone que atendia aos novos interesses e projetos políticos da época.

Em uma época em que muitos falavam e pensavam na mudança da capital federal brasileira, uma localização mais no centro do território nacional, a maneira de sair do litoral e favorecer a pouca interiorização. Pois, segundo Holston (1993, p.24), “Desde o último quartel do século XVIII, reformadores, revolucionários e estadistas propunham a transferência da capital para o interior como meio de povoar, desenvolver e assegurar a posse do vasto sertão brasileiro”. Um desejo antigo de tirar a capital da zona litorânea, o projeto só foi concretizado no século XX. Segundo o autor, desde o século XVIII, já havia esse intento, na qual a Constituição do Império de 1823 idealizava um projeto já denominado Brasília. E em 1883, o italiano Dom Bosco⁶ alegava ter sonhado com um lugar em pleno planalto central do Brasil, o lugar da nova capital:

Eu via as entranhas das montanhas e o fundo das planícies (...), entre os paralelos 15 e 20 graus, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto onde se formava um lago. Agora uma voz disse repetidamente: quando se vierem a escavar às minas escondidas no meio destas montanhas, aparecerá neste sítio a Terra Prometida, donde fluirá leite e mel. (SILVA apud HOLSTON, 1993: 24)

Em meio a isso, se percebe uma espécie de inspiração “mística” na futura capital do Brasil. E uma idealização tamanha que antes mesmo de ser edificada, a cidade já era vista em sonhos e anseios de uma pequena parte da elite política. O sonho de Dom Bosco entendido como uma profecia indica a legitimação mística e religiosa para a construção da cidade.

Os mitos acerca do que viria a ser Brasília, também é percebido com a forja de imagens na construção da memória da cidade. Na qual Pollak (1989), explica que: “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo”. O que mais adiante também denominado pelo autor, como uma forma de enquadramento da memória, cujos usos da história e das lembranças são o material pelo qual se forja uma memória. (Pollak, 1989, p.09).

⁶Padre e educador, que passara sua vida a dedicar-se na educação dos jovens. Em 1855, chama seus colaboradores de salesianos, palavra derivada de Sales. Com eles funda, em 1859, a Congregação Salesiana. Depois, com Santa Maria Domingas Mazzarello, cria o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, para educação da juventude feminina.

1.2 Proposta Governamental

Os mitos sobre Brasília, apropriados pelo governo de Juscelino Kubitschek enriquecem o imaginário sobre a cidade, que foi sendo construída ao longo dos anos. Brasília seria então a cidade do futuro, pensada, ou melhor, sonhada. Nos discursos proferidos como utopia para os indivíduos, a proposta de uma nova vida emergia como algo que não estaria apenas estruturada em concreto, mas em uma nova construção que permitisse ao indivíduo colocar-se em suas classes diversas, simbolizadas em uma classe única. Embora este planejamento não fosse algo real, entretanto, era mantido como uma forma de manipular a mão de obra necessária, do qual partiriam das classes minoritárias vindas do nordeste:

Desde os seus primórdios, a “idéia de Brasília (tal como é chamada) teve a característica peculiar de atrair, como imagem de um novo Brasil e como estratégia de desenvolvimento, o interesse de perspectivas políticas radicalmente diferentes, e mesmo violentamente opostas entre si (Holston, 1993, p.24).

Assim, os *candangos* permaneciam sob a promessa da aura de modernidade e progresso. A nova capital, com sua arquitetura arrojada e inovadora, representava os esforços para a criação da nova imagem do Brasil. Um país mais moderno, de economia e sociedade mais dinâmica, bem aquilo defendido nas campanhas e no projeto político de Juscelino Kubitschek. A “Terra Prometida”, mostrada ao padre Dom Bosco, seria a cidade que iria abrigar uma nova era, cabendo a JK dar início ao processo de edificação.

A construção de Brasília também teria um significado divino, segundo Dom Bosco. Em sua visão, por meio de sonho, fora conduzido por um jovem para o lugar que viria ser Brasília, e ao perguntar quando seria edificada a nova capital, o jovem responde: “a construção de Brasília acontecerá antes que passe a segunda geração”.⁷

⁷CÉSAR, João. Atualidade do educador Dom Bosco IN Construir Notícias. Ano 09. Março/abril 2010, p. 10.

Segundo o sonho do padre a segunda geração é compreendida de 1979 a 2039⁸, antes desse período a cidade seria construída. Com a possibilidade deste sonho o presidente se apoderou da visão do clérigo italiano, para além de legitimar o discurso que tornaria válida a transferência, também dar ênfase no período de sua gestão. O que proporcionou a criação da cidade como símbolo de seu governo e um símbolo religioso.

Logo, tanto a ação de transferir a capital para o interior, quanto o regime, estariam predestinados, isto é, teria um desígnio “divino”. Nesse discurso legitimador ocorre o que aqui é denominado de representação, na qual a mesma “transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão”. (Revista Construir Notícias, 2010, p. 15). O respeito relacionado à religião e a submissão aos seguimentos da ordem, que deixaria de ser do governante e do padre, mas seria diretamente divina (CHARTIER, 1991, p.185). Assim, o criador desta ideia utópica estaria agindo de forma clara e aceita pelos fieis, e por aqueles que estariam submissos a construção da nova capital.

Em quatro de abril de 1955, em um comício na cidade de Jataí em Goiás o candidato à presidência da República Juscelino Kubitschek promete que se eleito iria transferir a capital para o Planalto Central, porém, tal propósito só foi colocado porque segundo Kubitschek em seu livro, Por que construir Brasília (2000. p.6), foi nesse momento que uma voz forte se impôs, para me interpelar em pleno comício:

O senhor disse que, se eleito, irá cumprir rigorosamente a Constituição. Desejo saber, então, se pretende pôr em pratica o dispositivo da Carta Magna que determina, nas suas *Disposições Transitórias*, a mudança da Capital Federal para o Planalto Central.” Procurei identificar o interpelante. Era um dos ouvintes, Antonio Carvalho Soares - Vulgo Toniquinho⁹- que se encontrava bem perto do palanque.

Tal posicionamento provoca as inquietações e incitações quanto ao pensamento político de JK, pois até então ele só tinha como objetivo o Programa de

⁸De acordo com o sonho de Dom Bosco, cada geração compreende 60 anos. É interessante verificar que o rapaz no sonho do santo falou que a geração de Dom Bosco não contava, ou seja, a que teve início em 1859, sendo essa excluída da contagem. Deveria ser levado em consideração a próxima, começada em 1919 e findada em 1979.

⁹Antonio Soares Neto, conhecido como o, “toniquinho da farmácia”. Aos 29 anos, ele trabalhava vendendo seguros e estudava para ser tabelião em Goiânia. E gostava de ler a Constituição.

Metas “50 anos em 5” e o posicionamento de Toniquinho trouxe a ele o fluxo para um outro norte em sua campanha. Eis que JK, mediante a interrogativa, discursa “Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, na Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova Capital e farei a mudança da sede do Governo”. (Revista Construir Notícias, 2010, p.14). Neste momento, a junção dessa nova proposta política se torna o principal combustível de sua campanha, por ganhar foco e trazer à tona novas discursões deste tema, que já havia sido mencionado anos atrás. Se o então, Toniquinho não houvesse interpelado com questionamentos sobre os dispositivos da Carta Magna, como o JK teria aceitado o desafio de erguer a capital nos “vazios demográficos” do cerrado central e mudar a sede do Governo?

Meses depois, em cinco de agosto do mesmo ano, o presidente da época, Café Filho (1954-1955) aprova a área da nova capital. Então, eleito em 1956 com 36% dos votos, JK envia ao congresso em 18 de abril a chamada Mensagem de Anápolis, onde ele propôs a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), nesta perspectiva, mais tarde, no dia 19 de setembro, foi sancionada a lei número 2.874, qual determinava a transferência em definitivo da nova capital.

Dessa forma, começaram as propostas de incentivo para a contratação e empregados a um baixo custo. A melhor forma seria a popularização e divulgação do ideário de uma nova vida, uma saída para os problemas sociais existentes nas regiões diversas do Brasil.

1.3 Processo De Migração Dos Candangos

A construção da terceira capital do Brasil, planejada e arquitetada para sediar os três poderes da República, desencadeou em uma mudança na vida de milhares de homens e mulheres. Pois, segundo Nildo Lage (2010, p.19), o que ocorreu dentro de sua construção marcava uma nova continuidade para o país:

Em 21 de abril de 1960, a inauguração do Palácio do Planalto, centro do Poder Executivo Federal, marcava um novo capítulo da história política brasileira. Brasília nascia sob a força de um sonho que não se reprimiu às críticas, aos cognomes cidade sem gente, cidade sem esquina, cidade de burocratas, ilha da fantasia... O Brasil inaugurava

o primeiro núcleo urbano do século XX que se tornou um exemplo de macro desenvolvimento. (LAGE, 2010, p.19)

Assim, a proposta de uma viagem ao desenvolvimento do país parecia crescer à medida que se ampliava as investidas da mídia, com propaganda, com promessas que saiam nos jornais e nos rádios. Além do próprio comentário que a população reproduzia com a concepção de novas formas de se viver. Eles iriam para construir, erguer, deixar suas marcas em cada prédio ou obra. O ônibus com destino à Brasília era grande e rudimentar, com o objetivo de transportar muitas pessoas. As mulheres eram ligadas a diversão, aos cuidados alimentícios dos homens, além de construírem um parâmetro de vida melhor para suas famílias que ali estavam.



Imagem 03: Transporte em Brasília- 1957/1960
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

A chegada desse aglomerado de pessoas era transportada por veículos disponibilizados tanto pelo governo quanto por iniciativas particulares. A junção de características, costumes e credos se construíram em meio as pedras e cimentos e alicerce dessa nova Capital brasileira.

Ao longe o carro apita para a chegada dos novos viajantes, desta vez com uma proposta diferente, a proposta de um emprego revolucionário, capaz de tirá-los

da miséria em que estavam submetidos. Malas dispersas na lona que serviria de teto no pau de arara¹⁰. Pessoas desciam aos poucos, e sem muito pensar diversos seres invadiam a nova cidade, com o sonho de uma vida estável.

Segundo o entrevistado Cassiano da Costa Ferreira, parnaibano, de 82 anos, no qual participou de uma das viagens, esclarece que “na saída da cidade de Parnaíba, enfrentou grandes dificuldades durante o trajeto para a terra prometida”. Abaixo, uma imagem explicativa das condições em que eram submetidos os trabalhadores pela Empresa Elevadores Atlas- Brasília:



Imagem 04: transporte de candangos-1959.
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

A poeira sendo levantada pelos pneus do caminhão, conhecido como pau de arara, o chão ainda ressecado pela última passagem dos outros carros. E dentro dele estavam jovens sonhando com o dinheiro em suas mãos. Na imagem, é possível perceber as roupas ainda desacostumadas com o clima seco e frio da nova cidade em construção. O transporte estava carregado de pessoas, cada qual com

¹⁰Caminhão coberto, dotado varas longitudinais na carroceria, usado para transporte de passageiros e é utilizado principalmente para transporte de imigrantes nordestinos para o sul do país; caminhão que transporta retirantes nordestinos.

seu chapéu repleto de lembranças da terra natal. Era hora do deslocamento, necessitavam-se de homens trabalhando em outros locais, e ali estavam eles que vinham para o trabalho braçal.

Assim se dá a história do entrevistado Manoel da Costa Silva, que ao contar sobre a saída do Morro da Mariana (atualmente Ilha Grande do Piauí), para a nova Capital, assim ele dizia:

Saimo no pau de arara, pau de ararona desse que viaja por ai, encheu de gente, cada um matou um frango, uma galinha, um pato, uma coisa que tivesse em casa, pra comer na estrada. Porque ninguém tinha dinheiro. E na estrada tinha um carroçal, ocarro atolado, agente passava duas a três horas, agente mesmo colocando força¹¹.

Os problemas eram mais com relação à estrada por ter percursos de areia e piçarras. Segundo De Araújo (2010), quanto ao trajeto feito para a Nova Capital, “Seu Bené conta que, na primeira viagem saiu de Parnaíba no dia 13 de Novembro de 1958, chegando a Brasília no dia 17 de Dezembro, passando mais de mês viajando”. As viagens eram longas e quando se chegava ao destino, eles eram vistos como simples nordestinos, a bagagem cultural era desconhecida e rotulada.

¹¹ Na transcrição da entrevista foi preservado a fala dos entrevistados.

2 O TRABALHADOR E A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL

O contingente de trabalhadores estava em todas as partes, que iriam desde trabalhos pesados que exerciam muita força, aos trabalhos manuais com cuidado e destreza. Cada trabalhador com suas raízes de pensamento, trabalhando por uma única meta, construir Brasília. Segundo Antonio Gomes de Araujo, 72 anos, relata que “tinha um lago onde morava, pescava no lago do atual Planalto, pescava cará, tinha poucas casas na época, pescava com cupim, jogava no meio do lago e jogava o anzol”. Homem este viajou durante duas semanas em um Pau de Arara, o qual deu prego durante dois dias. Existia então, um habito nos seus afazeres, o prazer em pescar, era um lazer escasso, mediante as horas corridas de trabalho e pressa.



Imagem 05: operários no palácio do Planalto-1958
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

O chão sendo desfeito, os trabalhadores rusticamente com seus poucos materiais de trabalho, no qual sucumbiam em exaustivas horas na sua labuta constante. O chapéu escondendo-o do sol e revelando os traços da terra natal. As condições de trabalho que eram submetidos, girava em torno a uma jornada de

muitas horas e dessa forma o salário era pelas horas trabalhadas, segundo Cassiano.

As tarefas eram distribuídas de acordo com os setores, segundo Cassiano, entrevistado desta pesquisa, aqueles que trabalhavam na limpeza, regularmente se dividiam em dois turnos:

Lá tinha o pessoal que trabalhava na limpeza, dois turnos. Um dia noturno, um diurno, outro noturno. E o diurno começava de ao meio dia o primeiro expediente terminava e tinha que limpar tudo, passar aspirador nos tapetes, tudo, tudo, passar álcool nas mesas, álcool no cinzeiro, passar. Passava uma equipe trinta a quarenta homens de cima a baixo. Uma hora, duas horas para está tudo ok, tudo limpinho. Ali tinha zelador, ali tinha engraxate, ali tinha alfinete, ali tinha pedreiro, ali tinha armador, ali tinha, tinha não, ainda tem, o passador, era o sargento da marinha que passava a roupa dos oficiais. Tinha a oficina de marcenaria, tinha a marcenaria, tinha o que trabalha com grade, o metalúrgico. E tinha a tapeçaria, de fazer tapete, tinha tudo, toda profissão, tinha tudo ali, não pedia firma pra vir fazer, tudo era de lá, os profissionais de lá.

Na perspectiva de como analisar uma entrevista, segundo Pinsky (2008), Montenegro (1992), Pollak (1992), é uma experiência única que possibilita uma conversa com alguém que percebe o lugar de não rotular a vivência, ou pré- julgar, o entrevistado, mas de possibilitar o escutar, o compreender, pois dessa forma há uma relação satisfatória de um pesquisador que nada pergunta para si, mas concentra-se no seu entrevistado. Assim, o diálogo que entrelaça o entrevistado e o pesquisador proporciona vias de conhecimento a ambos. Os atores desta pesquisa mostram o quanto de vivência a história oficial deixou na margem, e com a História Cultural trouxe os estudos destes personagens que contribuíram com a construção da história do Brasil.

2.1 Choque Cultural

Assim estavam os vários operários misturados uns aos outros, costumes, maneiras de gesticular, gosto musical. Segundo seu Antônio Teixeira, “Lá na Brasília, existia gente de todo tipo de natureza de gente ruim, de gente de natureza boa. Gente que se dava e gente que não podia confiar. O pessoal do Pernambuco era metido a valente, mas se davam e os do Rio Grande do Sul não se davam”.



Imagem 06: Operários nas obras da Esplanada dos Ministerios-1957/1959
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

De acordo com a entrevista cedida por Cassiano, não era comum encontrar um conterrâneo, tanto do Piauí, quanto do seu litoral, simbolizado pela cidade de Parnaíba. E acrescenta como era o seu relacionamento com as pessoas oriundas de outros estados, como os que chegavam da região sul do país. Para um estado que não era ainda conhecido por suas riquezas naturais, como afirma o entrevistado ao frisar o Delta do Parnaíba, eles eram submetidos ao desmerecimento do seu local e origem. Assim afirma Cassiano:

Atualmente Parnaíba já ta enxergado um pouco, porque quando descobriram esse Delta do Parnaíba, de vez em quando fala de Parnaíba, de vez em quando sai na tv e fala de Parnaíba. Antes o Piauí era um “nossa senhora”, Para aqueles gauches, a pena dizer que era do Piauí, até virava as costas. Era um flagelado, um estado pobre, não produz nada, mas o governo, ajuda, ajuda, hoje ja no sul do Piauí já tem algum maquinário trabalhando ai, a soja já ta por ai, antigamente não tinha mais coisas, tinha muita cultura, maçã, café, as coisa e tal, pera viver hoje a vida tem em Pernambuco, tá na Bahia. Hoje Parnaíba já ta falado e devia ser falada muito antes. A segunda cidade do PI.

A cidade de Parnaíba não era conhecida, as suas belezas ecológicas e a riqueza histórica eram desconhecidas para o resto da população do Brasil. Existindo apenas o paradigma norte e sul. E quanto a disparidade social, sobre a habitação, os *candangos* tinham acesso à moradia de padrão não-igualitário, como mostra na imagem abaixo, em que as lonas eram predispostas uma ao lado da outra, e que serviram de moradia até o término de suas funções. Portanto segundo, Araújo (2008, p.35) “A distribuição espacial dos acampamentos é impregnada por relações de poder, intermediada pela relação espaço/trabalho na cidade.” A dispersão dos acampamentos possibilitava também o controle sobre os que moravam e qual em media seria a população que ocupavam o espaço.



Imagem 07: Vista da cidade- núcleo Bandeirante- DF/ 1958
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

Nos relatos do Manoel da Costa Silva, ele diz que “João Batista Galeno nosso chefe que levou a gente daqui. Ele hoje já até morreu. Ele foi nosso representante, foi ele que levou nois. Deram um barracão pra nois. E lá tinha uns bicho que nem carrapato, mais não era carrapato. O bicho picava agente e doía viu.”. Percebe-se que o alojamento não possuía uma total higienização, mas era o que os operários recebiam para assim poderem trabalhar.

A alimentação dos trabalhadores era baseada em arroz, carne de gado, batata. Esta alimentação era cobrada ao final do mês no salário de cada trabalhador,

diferentemente da moradia, a qual eles não precisavam pagar. Segundo Manoel da Costa, a refeição era boa “comi muita carne gorda em Brasília, eu não tinha do que reclamar, não, não. Alimentava”.

Diferentemente desta opinião há os que não gostavam da alimentação e diante disto brigavam por melhorias quanto à alimentação, e outras questões trabalhistas. A alimentação era diferenciada dependendo do cargo, assim nas palavras de Júnior (2008. p.43) “passando para as condições de alimentação, relata o Arquiteto Lovis Rocha Delgado, as equipes mais qualificadas comiam em locais separados, em cantinas ou em localidades que os trabalhadores comuns, como serventes e pedreiros, não frequentavam”. Relatos estes que se assemelham a esta imagem, um refeitório, organizado em fileiras com trabalhadores do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (IAPB), que estavam à espera da visita do presidente JK, devido à conclusão de uma das obras. Pois, as obras que terminassem primeiro receberiam simbolicamente a visita dele, aumentando assim o incentivo pelo termino das próprias.



Imagem 08: Refeitório em canteiro de obras.
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

Os galpões que abrigavam os trabalhadores eram construídos de acordo com as construções da cidade. A alimentação também era regulada e metodicamente pesada para que não houvesse uma quebra no sistema de construção da nova

capital, afinal eles trabalhavam dia e noite devido ao prazo do mandato do presidente que não poderia ser reeleito e tinha por objetivo ser o presidente a inaugurar a Capital do Brasil. Segundo Sérgio Rodrigues (2010, p.18).

Oscar Niemeyer da experiência de Brasília, preservou, como repetiu em centenas de entrevistas, o prazer da convivência com os amigos que levou consigo - “nem todos arquitetos, alguns só para a gente poder conversar e esquecer a arquitetura”. [...] mas guardou, sobretudo, a sensação de ter vivido uma utopia, igualitária, morando nas mesmas casas geminadas dos operários e comendo ao lado deles no mesmo restaurante. [...] “Agora tudo mudou, e sentimos que a vaidade e o egoísmo aqui estão presentes e que nós mesmos estamos voltando, pouco a pouco, aos hábitos e preconceitos da burguesia que tanto detestamos”.

Nessa rotina de trabalho incessante aos operários, os engenheiros procuravam manter o projeto original em acordo com o tempo que foi ofertado a eles, e quanto a isto nas palavras de Sérgio Rodrigues:

Neimeyer concebeu tudo o que Brasília tem de monumental recebendo um salário de funcionário público, mas quando faltou dinheiro para construir o chamado Catetinho, as residências de madeira que abrigaria o presidente da República durante as obras o próprio arquiteto e outros amigos de JK levantaram empréstimo num banco. (Revista Construir Notícias, 2010, p. 18).

As construtoras empenhavam-se em adquirir mais operários para a consolidação da entrega da Nova Capital interiorana, os que chegavam iam logo ao centro de cadastro da Novacap. E a procura por emprego, não terminava, pois embora houvesse aqueles que trabalhassem na construção, existiam milhares que se submetiam as diversas maneiras de trabalho, caso outros não os aceita-se.

Era destinada mais horas de trabalho a quem não era carteira assinada, e nos relatos de Manoel da Costa Silva, ele diz que “eu não era fichado, eu fui trabalhar lá cavando vala com 2 metros e meio, 3 metros de fundura, 4 metros, 5 metros de fundura. E quando eu adoeci o Batista Galeno, e os meus colegas conhecido, cada um deu uma porcentagem e deu pra comprar minha passagem de volta pra

Parnaíba.”¹² E aqueles que chegavam eram direcionados para o Serviço de identificação disponibilizado na Novacap, e ali estavam homens na espera do cadastro.



Imagem 09: Fila no serviço de identificação da Novacap - 1957-1960.
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

Na figura acima, é percebido os trabalhadores na fila de cadastramento. Alguns sentados ao chão, outros com os braços cruzados, em sua grande maioria com chapéus. Os caminhões chegavam carregados de pessoas para as novas tarefas que estavam a serem preenchidas. Este processo era o primeiro passo para poder trabalhar na construção da então, Brasília. Neste local os recém chegados de todas as regiões eram organizados pelo Novacap, a exemplo a carteira de trabalho do entrevistado Antonio Teixeira, fichada pela empresa Kosmos Engenharia S.A, contratado no cargo de pedreiro em 18 de Abril de 1955.

Ele trabalhou neste empreendimento e após o termino da construção foi contratado por outra empresa, nomeada de Graça Couto S/A Indústria e Comércio, recebendo nesta um maior ganho financeiro. Seu trabalho era um meio a guardar dinheiro para mandar para sua família que estava morando em Parnaíba. E

¹² A ajuda coletiva entre os seus companheiros de trabalho era percebida desde o dividir o “frango ou o “pato” no percurso da viagem até Brasília.

segundo o Antonio Teixeira, “minha ida pra aquela Capital do Brasil, eu tinha que dar uma vida boa pra minha família. As coisa não tava fácil, sem trabalho fui pra lá”.¹³

Percebe-se no discurso do entrevistado, quanto aos demais entrevistados, que todos tinham por objetivo a melhoria de vida, que na propaganda de “boca em boca” e pelo radio, foi repassada para os migrantes. A Construção da Capital trazia a esperança, pois uma das formas que se baseia essa construção é a divindade, já mencionada pelo Padre Dom Bosco.

Em registro tem-se a carteira de trabalho do entrevistado Antonio Teixeira.

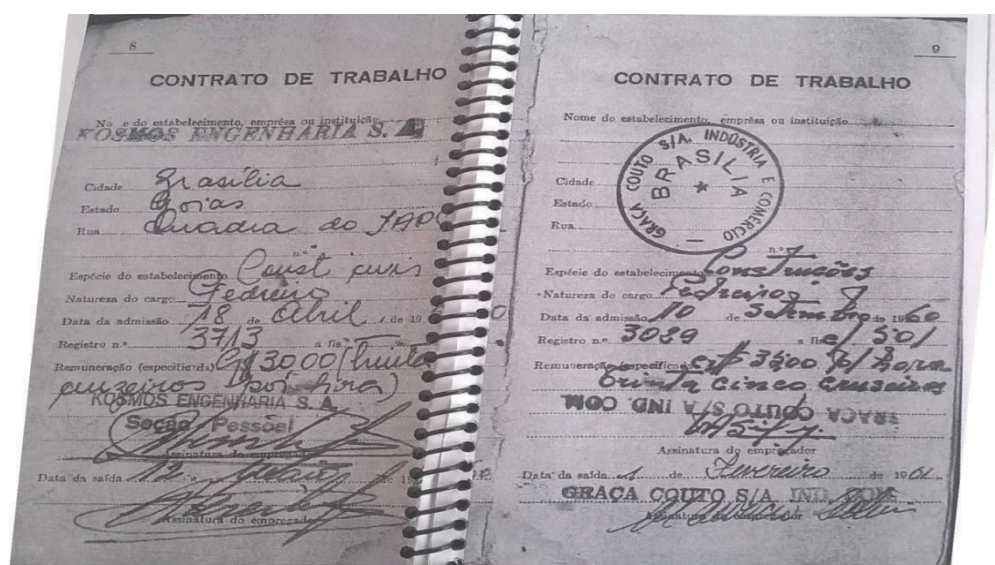


Imagem 10: Carteira de trabalho assinada em 1957.

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Quanto à carteira assinada o entrevistado Antônio Teixeira nos diz que: “teve um dia que eu estava no acampamento e o Presidente estava lá, foi uma correria dos operários, eles tudo queriam pegar a assinatura do JK, e saiam correndo atrás do carro. JK, [...] e os pingos de chuva chegavam e o carro acelerava.” As empresas ali locadas para a construção da nova capital, algumas eram estrangeiras e com seus trabalhadores proporcionavam segurança de trabalho, com os equipamentos, estrutura segura, com capacete, painel de ferramentas. Segundo, Júnior (2008, p.34) quanto as construtoras que ali se instalaram.

¹³ A fala do entrevistado foi preservada na transcrição.

A construtora Rabelo S/A, estava construindo o palácio da Alvorada, com conclusão prevista para janeiro de 1958. Também o trecho de 28 km da estrada Anápolis/Brasília. A construtora Pacheco Fernandes Dantas realizava as obras do Hotel de turismo, a construtora Metropolitana de Construções, obras no aeroporto de Brasília [...].(JUNIOR, 2008,p.34)

Os dados tinham como objetivo para dois fins, mostrar ao idealizador do projeto, JK, o que se estava sendo feito, além se servir como meio de propaganda para mostrar aos cidadãos os avanços sobre a construção da Capital brasileira.

2.2 O ideário do civismo em Brasília

Civismo é um termo que imprime e resvala respeito aos indivíduos que estão em um determinado país, e especificamente no Brasil significou uma nova forma de construir o espírito de nacionalidade. Segundo Abreu & Filho, o chamamento patriótico, podemos citar as propagandas repetidas constantemente na imprensa escrita e falada “[...] e o dever que cada cidadão tinha em contribuir como progresso”. Os desfiles cívicos eram uma forma de mostrar e enfatizar que a ordem e o respeito pela autoridade.



Imagem 11: Festa de inauguração de Brasília-1960
Fonte: Novacap 50 anos por Brasília – 2010.

Ao observar a imagem acima, a figura da criança entra em contraste com o resto da cena. A mão erguida em frente à cabeça em sinal de reverência diante da

autoridade, representada pelo militar a sua frente. Nesta criança ainda existem traços que o carregam como mais simbólicos ainda tais como as vestes dela, em trajes surrados diante da emblemática farda do militar. O civismo é uma representação de poder sobre as camadas leigas da sociedade, além disto, representa ordem, isso porque a nacionalidade do indivíduo está ligada ao respeito da nação.

E tal concepção valorizada pelo governo Getulista mostrou que ao lado do cívico, tem que haver um símbolo e segundo Aguiar Junior, (2013.p.5) “A bandeira do Brasil era um dos emblemas mais festejados e usados nos eventos cívicos em todo o país, o governo de Getúlio Vargas valorizava esse símbolo como forma de representar a soberania nacional e unir os brasileiros em torno do patriotismo tão solicitado naquele período”. Já neste momento a mente do cidadão brasileiro, estava sendo articulada para aceitar as imposições direcionadas pelo governo, tem sua memória arraigada pelo respeito aos soldados que protegem a nação.

Os pensamentos cívicos encabeçados por JK fazem referência à saudação pela construção de Brasília, colocando ela como o sonho realizado pela nação. Nesse viés havia uma educação cívica nas Escolas, Primárias e Normalistas assim como em outras, devido à ordem do governo em prol do patriotismo. Tanto que, segundo Júnior (2008, p.72). “Destá forma os cinejornais no período de 1956 a 1960 se constituíam em registros cinematográficos patrocinados pelo poder público, cujo era centrado na edificação da futura capital e geralmente apresentado antes dos filmes”.

Não apenas o cinema, mas o rádio era uma forma de inserir na concepção da população operariada, “elevando a cidade a uma dimensão gloriosa”. Assim, ficam registrados na memória dos *Candangos*, e a história oral tem como suporte as lembranças, que evidenciando a memória coletiva. Esta última pode ser entendida como uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.

A memória como uma parte íntegra e essencial da identidade, individual ou coletiva, se apresenta como uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades. Segundo Le Goff (2003, p.423) “A memória, como propriedade de conservar diversas informações do indivíduo e da sociedade, remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas. Graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. A

memória, também é percebida como uma forma de guardar a história, não apenas do indivíduo, mas de uma sociedade, podendo o próprio homem adequar suas informações quer sejam elas, atuais ou mesmo aquelas por ele representadas como passadas.

Dessa forma, a falta involuntária ou voluntária da memória individual, pode determinar imensas perturbações na identidade coletiva:

Ainda é mais evidente que as perturbações da memória, que, ao lado da amnésia, se podem manifestar também no nível da linguagem na afasia, devem em numerosos casos esclarecer-se se também à luz das ciências sociais. Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (Le Goff, 2003, p.425)

Assim, é necessário perceber a memória coletiva como uma forma de controle de poder. Pois, ao tornar-se senhor da memória e do esquecimento, existirá uma ameaça por grupos, classes e indivíduos. Fato que é percebido na história, levando em consideração o silêncio diante das expressões artísticas das mulheres do século XIX. Conforme é exposto em: “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.” (Le Goff, 2003, p.426)

Dessa forma é expresso uma época em que se impõem sua condição de ordem maior, a qual foi utilizada. E em caso de disputa de poder da parte dos operários, Cassiano, conta acerca do silenciamento, no qual pessoas eram mortas e enterradas em um cemitério clandestino, pela suspeita de crítica ao governo:

Mataram muita gente naquela época ali no palácio, ali mataram muita gente meu cumpadi. Eu cansei foi de ver, nego ai empacotado, todo, todo, todo no curso, na cabeça aos pés, coberto, o carro da segurança pegava pesado, pá, pá, pá, pá, batia, pegava botava no carro e lá pro coiso, pro pique, lá matava o cara. Lá, enterrava lá, era o cemitério clandestino, porque matavam lá , porque era suspeito de falar mal do governo.

É neste pensamento que o outro entrevistado Manoel da Costa Silva nos relata que “[...] quando chegava no sábado, meus colega me convidava pra tomar uma pinga, mas eu não ia não, convidava pros cabaré, mas aqui acolá tinha um camarada matando os outro. E enterravam em um cemitério. Eu tinha medo em sair”. Os diálogos entre os entrevistados, mostram a forma como se davam as respostas quanto à desordem no campo do trabalho e fora do trabalho, à solução era matar. Dessa forma muitos, morriam ou eram expulsos do acampamento. Porque desordem não poderia haver, a boa ordem deveria rodear a então Capital do Brasil. Júnior (2008 apud Santos 1990), expõe relatos sobre a preocupação do operário em ser pego pela GEB, causa de muitas mortes clandestinas:

[...] “Eu vou embora daqui, isso aqui não é lugar”. Mas eu ia aguentando, eu voltava pra casa, não era elemento que ficasse na rua. Garoto novo, e eu atendia os conselhos do meu irmão, do meu tio que morava aqui, primo. Eu não saia na rua pra ficar andando pela rua, exatamente por causa desses incidente que a gente via. Quantas vezes eles dava problema naqueles alojamento, dava briga naquele... Porque ás vezes peozada dia de domingo não trabalhava, ai ficava tudo no alojamento e não tinha pra onde ir e começava a beber naqueles, que não faltava aqueles quiosquezinhos pra vender cachaça, (incomp.). Terminava dando briga final de tarde. Outras vezes eles chegavam, ficava espancando as pessoas. Então aquilo era realmente, o policiamento daqui era muito grosseiro, muito grosseiro mesmo, porque o cara que tem disciplina, que tem instrução não faz aquilo. (Santos, 1990. P.13-14 apud Júnior, 2008. p. 76)

O policiamento ficava por meio da temida GEB, guarda que pelas andanças no seu caminhão mantinha a ordem por meio do silencio do cacete. E assim relata Santos apud Júnior “E quando se via dizer: “Lá vem a GEB”, nego corria pra todo lado, porque eles não tinham instrução nenhuma pra prender, pra deter ninguém. Eles chegavam e era enfiando o cacete”.

Assim, a construção que acontece acerca da memória, mostra a dimensão da valorização do indivíduo frente à construção de sua identidade, em meio a datas, acontecimentos. Segundo Pollak (2003, p. 125) , “locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a

memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo.”

3 EXALTAÇÃO AO CANDANGO

A forma de exaltar o trabalho feito pelos operários, pedreiros, serventes, ajudantes na construção tanto física quanto histórica da capital do Brasil, é vista a partir dos anos de 1958, onde se tem a preocupação com a identidade deste trabalhador migrante. E esta visão sobre a valorização do *Candango* vai ser colocada em livros, revistas, pinturas, crônicas, em músicas, poemas e fotografias.

Segundo Videssott (2008, p.28), “a visão sobre as contribuições dos Candangos ficou em livros a exemplo, o de “Edson Béu, Expresso Brasília, assim como também, uma crônica-denúncia das modalidades das viagens nos pau de arara, a qual foi publicada em vários números do seminário binômio de Belo Horizonte”. Nela há o retrato do percurso que atravessa as palavras dos entrevistados, nas dificuldades, na ausência de uma estrada de qualidade naquele período, onde o país estava permeado por caminhos de piçarra e muito matagal.

Tal notoriedade dada ao povo migrante demonstra as duas faces da produção, histórico-política que encaminhou a saída destes para trabalharem e, através disto, conquistaram uma melhoria de vida e a outra face está vinculada a força política que foi exercida sobre a própria campanha política durante a construção. De um lado “antimudancistas”, pois não aceitavam a localização da atual capital. E em jogo desse interesse político, o desejo de JK em entrar para a história do país, com o seu Plano de Metas, além ser visto como o construtor-idealizador de Brasília.

Brasília assim, passou a ser considerado Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO, a capital é a única cidade do mundo construída no século 20 que recebeu a honraria.

3.1 Exaltações ao *Candango* a Poesia, na Música, nas Artes Plásticas, na Propaganda e nas Fotografias

O desenvolvimento da construção da Nova Capital se mistura com as visões críticas dos poemas, músicas e marchinhas. Pois há neles uma construção do estudo e conhecimento da história da sociedade. Assim se percebe a poesia de Castelo Branco, onde mostra o monumento “guerreiro de ferro”, o qual foi construído em 1957, devido a morte de dois pedreiros chamados, Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques que morreram soterrados e gerou uma comoção em meio aos funcionários. E logo depois recebeu uma nova identidade, para homenagear os Candangos em prol da ajuda destes na construção da Praça dos Três Poderes. Segundo Videssott (2008.p.24)

A princípio, porém, foi intitulada de “Os guerreiros” e foi sob este nome exposta na Bienal de São Paulo em Novembro de 1957. Ainda com esse patronímico, antes mesmo da inauguração da cidade chegou a praça mais representativa de Brasília. Foi ali que, em pouco, ocorreu a mudança de seu nome. Mario Barata [...] “a mudança de título se impôs ao verificar-se que os únicos “guerreiros” que atuaram em combate em Brasília foram os seus construtores ao aceitarem o desafio de erguerem a capital no cerrado vazio do Planalto Central.



Imagem 12: Bruno Giorgi, Os Guerreiros/Os Candangos, bronze, 1957.
Fonte: fotografia de Luisa Videsott.

Percebe-se portanto, duas perspectivas que fizeram com que a estátua de bronze fosse renomeada. Ganhando um novo significado tanto aos trabalhadores que por ali passaram, assim como aos parentes dos dois operários. O grande monumento, valoriza todo o esforço dos trabalhadores.

O que se analisa diante, tal poesia é uma história dos marginalizados servindo como fonte para a história oficial:

Guerreiro de ferro
Bruno Giorgi
Praça dos Três Podêres.
O mármore do Palácio dos Arcos,
As colunas ogivais do Alvorada,
Os arcos suplicantes
Da Catedral do futuro.(...)
(BRANCO)

Dessa forma também expressa figuras importantes, que tiveram representação, tais como Catetinho, Niemeyer, Lúcio Costa, Juscelino Kubitschek.

A evocação ao trabalho do Candango perante a construção, mostra uma forma de se ver as bases da Capital Brasileira, não houve nesta poesia a supressão do simples servente que dependendo da região, poderia estar sendo assolado pela seca, falta de trabalho. Diante os vários operários, o mais evocado, é o piauiense, cearense, ambos sofredores por secas.

Nas artes plásticas, os pintores expressam em suas telas as vivências nordestinas, a exemplo: Os Retirantes (1944), de Portinari, nela representa uma família com trouxas nas cabeças, magros e trilhando um caminho, a melhoria de vida. As lembranças colocadas pelo poema trazem a vivência do trabalhador, a sua participação em tais obras, onde suas jornadas pesadas de “horas corridas”.

Da mesma forma, já nos anos 20, a música do compositor Lúcio Barbosa, *Cidadão*, expressa em seu eu lírico a voz do candango que não foi reconhecido pelos construtores da cidade. “[...] Tá vendo aquele edifício, moço?/ Ajudei a levantar/ Foi um tempo de aflição/ Eram quatro condução /Duas pra ir, duas pra voltar/ Hoje depois dele pronto /Olho pra cima e fico tonto. [...]” É o que pode-se perceber “[...] /Mas me vem um cidadão /E me diz desconfiado /"Tu tá aí admirado? /Ou tá querendo roubar?" /Meu domingo tá perdido/ Vou pra casa entristecido/ Dá vontade de beber/ E pra aumentar meu tédio/ Eu nem posso olhar pro prédio/ Que eu ajudei a fazer [...]”

O lamento pelo não reconhecimento, pela segregação social existente, pois Brasília foi planejada para atender as necessidades políticas, e não aos problemas sociais. A divisão da cidade estava feita para seguir os anseios dos políticos, uma capital administrativa. Sem casebres, cabarés, festas, festejos, invadindo a paisagem futurística.

[...] Tá vendo aquele colégio, moço?/ Eu também trabalhei lá/ Lá eu quase me arrebento/ Fiz a massa, pus cimento/ Ajudei a rebocar/ Minha filha inocente/ Vem pra mim toda contente/ "Pai, vou me matricular"[...]

[...] Mas me diz um cidadão/ "Criança de pé no chão/ Aqui não pode estudar"/ Essa dor doeu mais forte/ Por que é que eu deixei o norte?/ Eu me pus a me dizer/ Lá a seca castigava/ Mas o pouco que eu plantava [...]

A realidade do nordeste, assim como em outras regiões, estavam com seus solos assolados pela seca, a dificuldade havia desde o colher ao plantar. A percepção do preconceito, além da desvalorização do esforço braçal a cada um trabalhador.

“[...] Tinha direito a comer/ Tá vendo aquela igreja, moço?/ Onde o padre diz amém/ Pus o sino e o badalo/ Enchi minha mão de calo/ Lá eu trabalhei também/ Lá foi que valeu a pena/ Tem quermesse, tem novena/ E o padre me deixa entrar.[...]”

O poema também carrega o caminho entre os relatos dos entrevistados e o que se era registrado pela literatura da época. O não esquecimento dos que ali deixaram as cidades de sua origem para construírem sonhos, na proposta de uma melhor moradia e uma vida abundante. A construção de Brasília trouxe a esses homens, acontecimentos com memórias boas e ruins. O acontecimento é uma fonte dentro do campo da pesquisa e segundo Frank (1998) apud Alberti (2004), a história oral pode contribuir para história objetiva da subjetividade.

Porque o conhecimento do passado dito “objetivo” não basta para explicar o presente, sendo preciso acrescentar-lhe o conhecimento da percepção presente do passado. Esse “presente do passado” é precisamente a memória, e o estudo acadêmico dessa última permite melhor compreender a identidade que ela tem por função estruturar.

Neste contexto, é preciso analisar para não determinar ou levantar uma bandeira nas palavras de Pollak (1992), em “memória dominante” e “memória dominada”, isso porque quando se relata a história da construção de Brasília com espaço-temporal, restringi um público, havendo choque com os outros relatos, a exemplo, os engenheiros das obras da capital. Assim, deixam expostos dois pontos de visão quanto à visão sobre os acontecimentos ocorridos e que se transformaram em lembranças.

Nas fotografias usadas na pesquisa, foi possível analisar que o fotógrafo Mário Fontenelle¹⁴ (1919-1986) piauiense escreveu o Gênesis de Brasília por meio das imagens caindo no trilhar da história. Segundo De Castro¹⁵ relata que.

O acervo de mais de quatro mil fotos conta o dia a dia, da construção de Brasília e, por analogia com a metáfora dos ex-votos, Mário acompanhou a transformação das palavras de JK, em que o verbo se fez obra, o risco de Lúcio Costa se fez cidade, o desenho de Oscar Niemayer se fez palácio e o suor dos candangos se transformou em orgulho.

Um dos meios de se prolongar a lembrança é por meio de imagens e assim a propaganda foi difundido a exemplo, o anúncio da empresa Esso.

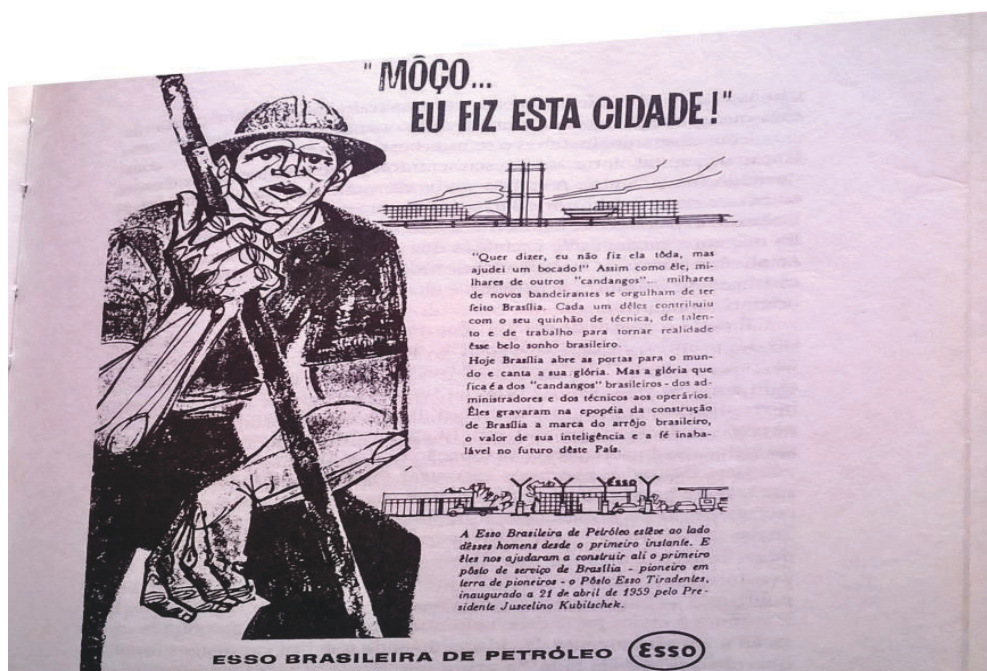


Imagem 13: Anúncio para a inauguração de Brasília, Esso, 1960.

Fonte: Holston (1993) p. 211.

O anuncio trazia a imagem da então representação do candango, ao lado da construção que ele ajudou a erguer. Estava ali mostrando que sua participação foi

¹⁴ Fotógrafo oficial do governo Juscelino Kubitschek, Mário Fontenelle (1919 – 1986) é considerado um dos mais importantes memorialistas de Brasília, por ser autor dos primeiros registros da nova capital e das imagens mais marcantes desse período.

¹⁵ Pedro Jorge de Castro, diretor de Instituto Animatógrafo de comunicação. Doutor em comunicação, professor da UnB, Cineasta e membro fundador da APROCINE-DF.

importante para a concretização da ideia proposta pelo presidente JK. Os *Candangos*, representam agora “heróis”, e que todos passaram a ser *Candangos*.

Neste sentindo o entrevistado Antonio Marques Teixeira nos relata que para a construção de Brasília foi feita só pelos “doutores e engenheiros”, mas não para ele, “eu também ajudei a construir Brasília” (*e eu posso provar com minha carteira de trabalho*). Só que quando a gente diz, as pessoas não acreditam. A gente tinha que receber uma medalha pelo que fizemos, nesse tempo eu nunca recebi homenagem, ninguém nem sabe quem eu sou”.



Imagem14: Carteira de trabalho- Identificação
Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

3.2 Exaltação ao *Candango* piauiense

O reconhecimento do operário em sua terra natal, qual o tipo de valorização mediante o seu trabalho, em contribuir para a construção de uma parte da história do país? A História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A História Oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, renegada ao passado. (Brescianni, p.26).

As narrativas aqui transcritas mostram que a oralidade, é uma fonte preciosa para respostas de lacunas, quando se remete a construção de Brasília. Isso porque,

o impacto sobre as transformações culturais que foram manifestadas naqueles que trabalhavam, e nas redondezas que se fixaram em vilas, que logo depois se transformaram em cidades. Cassiano, neste trecho menciona sobre o seu ponto de vista na política, e no próprio reconhecimento dado ao parnaibano, uma vez que este teve suas manifestações numa época histórica dentro da construção de Brasília:

Cê sabe, nós, o ser humano, é uma realidade, ninguém é de ninguém, só conhece os outros na época de política. Passou a política, foi eleito, quem votou nele, não, eu não sei quem é você, eu desconheço, só falta dizer isso. [...]
Eu acho que se tivesse um chefe de nação para reconhecer, olhar assim e levantar a cabeça e olhar assim, aquilo, e obras importantes, tudo o que tal feito ali pelo homem, do homem e setenta ou oitenta por cento, pelo nordestino inicialmente onde começou brasileiro, inicialmente,[...].

Assim, é possível perceber que a História Oral também é sinônimo de história de vida. História de vida, que pode ser considerada um relato autobiográfico, mas do qual a escrita - que define a autobiografia - está ausente. Na história de vida é feita a reconstituição do passado, efetuado pelo próprio indivíduo, sobre o próprio indivíduo. Esse relato - que não é necessariamente conduzido pelo pesquisador - pode abranger a totalidade da existência do informante.

Assim a história oral, segundo Pinski (2008), “pode ser útil a História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a História política, também fica sendo uma história não mais dos “grandes homens” e “grandes feitos” “. Uma história encalçada no Positivismo, onde os fatos falam por si, uma história sem problematização dos acontecimentos.

Assim nos relata o Antonio Marques Teixeira “eu poderia passar horas e até dias contando o que eu vi lá (*o olhar fixo ao narrar os acontecimentos, a mão tremula apontando para uma direção*)”. A construção de uma identidade além de local é carregada ao indivíduo, sendo este também um *Candango*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho monográfico, procurou-se trazer a memória dos trabalhadores parnaibanos na construção da terceira Capital do Brasil, Brasília. Buscou-se registrar os relatos pessoais de um candango piauiense, em pedaços, da história da população brasileira. A pesquisa possibilitou conhecer a trajetória dos homens que saíam de sua terra natal em busca de melhoria de vida. O qual passou e foi atravessado pelo contexto de seca, ausência de emprego.

O uso dos teóricos para embasar esta pesquisa como, Holston (1993), Pollak (1989), BRESCIANNI (2010), Júnior (2008), das quais mostram uma visão voltada para a construção de Brasília, trazem depoimentos acerca de outros trabalhadores, e carregam relatos que se correlacionam com os proferidos pelos entrevistados da dada pesquisa. Neste contexto, revela um desvelamento quanto à igualdade no tratamento alimentício, moradia entre os operários e os cargos mais bem remunerados a exemplo, os engenheiros. Os preconceitos que existiam sobre o fato de ser um trabalhador-migrante nordestino.

As entrevistas com os trabalhadores paraibanos e trouxeram uma perspectiva de nostalgia a um período que no contexto histórico, na qual coloca o Brasil no caminho do progresso, no desenvolvimento perante as outras nações. JK, com o sonho de dar o primeiro passo para a real construção do Brasil, pois além disto o entrelaçamento das culturas nordestinas, goianos e cearense. A aglomeração destes homens construía mais um passo da história do país.

A história social mostra os sujeitos históricos, que por meio de suas narrativas relatam uma das verdades quanto às bases das colunas que sustentam os prédios que hoje servem de visita para turistas. Proporcionando uma visibilidade aos trabalhadores que pelo seu suor, fizeram nascer um projeto que pela mídia foi colocado como “projeto da Nação”. Por que Brasília não foi construída para trabalhadores, ela foi construída e pensada para atender a necessidade política do país que precisava de um ponto de progresso frente a outras nações que avançavam no campo industrial.

E na perspectiva da pesquisa houve dificuldades em conciliar o tempo acadêmico, com o trabalho, porém foram alcançadas com êxito as informações adquiridas que envolveram tanto a prática quanto a teoria aprendida no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral: a ação da memória.** *Ouvir contar. Textos em história oral.* Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens,** Vozes. Petrópolis: 2008.

BRESCIANNI, M. S. M. **História e Historiografia das cidades, um percurso,** In. FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva.* Contexto, São Paulo: 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Perez. **Os Métodos da História.** Graal. Rio de Janeiro: 2002.

_____, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Elsevier. Rio de Janeiro: 1997.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos Avançados. N. 11, v.5, 1991.

DE ARAÚJO, Cosma Silva. SALES, Telma Bessa. **"Isso é conversa de candango"**. Memórias acerca da construção de Brasília (1956-1960).

HOLSTON, James. **Cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia.** São Paulo: 1993.

JÚNIOR, Reinaldo de Lima Reis. **Cidade, trabalho e memória: os trabalhadores da construção de Brasília (1956-1960).** Editora E-papers, 2010.

KUBITSCHEK, Juscelino. **Porque construí Brasília.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MONTENEGRO. Antonio Torres. **História oral e memória popular revisitada.** São Paulo: Contexto, 1992.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. **História e historiografia,** Bagaço. Recife: 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas.** Editora Contexto, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. *Revista Estudos Históricas*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Novacap 50 anos por Brasília – Novacap, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIDESOTT, Luisa. **Os candangos**. *Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, 2008, 7: 21-38.

Entrevistas

Antônio Marques Teixeira, entrevista cedida em 15 de Agosto de 2013 na cidade de Parnaíba-PI.

Cassiano da Costa Ferreira, entrevista cedida em 28 de Agosto de 2014 na cidade de Parnaíba-PI.

Manoel João da Silva, entrevista cedida em 19 de Junho de 2014 na cidade de Parnaíba-PI.

Sites e Revistas

<http://www.dicionarioinformal.com.br/pau-de-arara/> acessado em 14 de Janeiro de 2014

<http://www.guiadebrasil.com.br/historico/pre-historia.htm> acessado em 17 de Janeiro de 2014.

<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-foi-a-construcao-de-brasil> acessado em 20 de Janeiro

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/Construcao> acessado em 22 de janeiro de 2014.

<http://cartasdebrasil.blogspot.com.br/2010/04/toniquinho-jk.html?m=1> acessado em 16 de Dezembro de 2014.

<http://cartasdebrasil.blogspot.com.br/2010/04/toniquinho-jk.html?m=1> acessado em 06 de Maio de 2015

<http://www.jornaldoromario.com.br/artigos/292-a-f%C3%A1bula-de-m%C3%A1rio-fontenelle> acessado em 8 Setembro de 2014

<http://goo.glesafe.com/?q=thiago+melo+cidadao> acessado em 14 de Setembro de 2014

<http://www.revistaliteraria.com.br/biojko.htm> acessado em 06 de Setembro 2014.

Construir Notícias. Brasília 50 anos. Ano 09-Nº51. Março/ Abril, 2010.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADOR: Dr. André Aguiar Nogueira

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-TRABALHADOR NA
CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA.**

1. Quanto tempo residiu na cidade de Brasília?
2. O que você acredita que tenha proporcionado a ida de tantos nordestinos para a então Capital?
3. É de seu conhecimento o valor da sua ajuda pela construção de Brasília?
4. Em sua opinião, você acredita que pode haver uma maior representação do *Candango* na sociedade piauiense?
5. Como se deu o seu convívio com outros moradores da construção?

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADOR: Dr. André Aguiar Nogueira

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor:

Você está sendo convidado para participar, como voluntário de uma pesquisa que visa estudar a “História e memória dos *Candangos* piauienses na construção de Brasília (1956- 1960)”. No caso de aceitar fazer parte da mesma, você responderá a um formulário de entrevista.

A sua participação será de grande valia para o desenvolvimento desta pesquisa e possibilitará a realização de ações que visem diagnosticar e analisar sobre a participação dos *candangos* na construção de Brasília. Você terá liberdade para solicitar esclarecimentos sobre a pesquisa, bem como para desistir de participar dessa atividade em qualquer momento que desejar, sem que isto leve você a qualquer penalidade.

Como responsável por este estudo, tenho o compromisso de manter em segredo todos os dados confidenciais, bem como de indenizá-lo se sofrer algum prejuízo físico ou moral por causa do mesmo.

Assim, se está claro para o Senhor a finalidade desta pesquisa e se concorda em participar, peço que assine este documento.

Meus sinceros agradecimentos por vossa colaboração.

JOSÉ EDES MORATO PEREIRA

Pesquisadora Responsável

Matrícula nº 1027762

Telefone para contato: (86) 99919-5292

Eu, _____,

aceito participar das atividades da pesquisa: “História e memória dos *Candangos* piauienses na construção de Brasília (1956- 1960)”. Confirmando que fui devidamente informado e responderei ao formulário de entrevista. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me leve à qualquer penalidade, e que os resultados serão tratados confidencialmente.

Local e data: _____, ____ / ____ / _____.

Assinatura